

## ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO

Maria Ivoni Pereira de Sá

1. *Educação: elementos para uma conceituação*

A palavra educação tem origem nos verbos latinos *educare* (alimentar, amamentar, criar) e *educère* (conduzir para fora, tirar de, fazer sair).

Analisando os vocábulos latinos, Walter Garcia<sup>1</sup> comenta que, em sua origem, o conceito de educação já contém uma contradição, na medida em que abriga sob uma mesma raiz sentidos diversos. O sentido de "educare", diz o Autor, transmite a idéia de algo externo que se acrescenta ao indivíduo procurando assegurar condições favoráveis ao seu desenvolvimento físico, mental e emocional.

O verbo "educère", no entanto, sugere a libertação de forças que estão latentes e que dependem de estimulação para vir à tona.

Partindo do exposto, educação pressupõe o conhecimento das potencialidades do indivíduo a fim de assegurar situações estimuladoras que favoreçam a atualização do potencial e a busca incansável da auto-realização.

Por potencialidade há que se entender a capacidade que o indivíduo tem para realizar tal ou qual aprendizagem. Por situação estimuladora entende-se o ambiente favorável que a escola oferece ao aluno, assegurando-lhe boas condições de trabalho, professores competentes, material didático-pedagógico adequado e suficiente para o desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem, currículo que retrate a realidade do aluno, entre outros requisitos.

Edgard Faure,<sup>2</sup> em seu famoso Relatório "Apprendre à Être", ressalta o caráter permanente da educação que, na expressão de Durmeval Trigueiro, ocorre em todos os tempos e em todos os lugares

e deve ser repartida com todos, sem distinção de credo, raça ou classe social.

Dessa perspectiva, se há de convir que a educação é um processo permanente, que não se restringe à mera instrução, embora dela se utilize.

“Educação é vida”, afirma John Dewey, e à escola cabe promover a reconstrução da experiência que o aluno vive na sociedade.

Uma visão assim, tão abrangente, da educação desperta para a reflexão sobre o papel educativo da sociedade como um todo e remete-nos à idéia, defendida pela UNESCO na década de 70, segundo a qual a sociedade, com todas as suas instituições, comporia a chamada “cidade educativa”.<sup>3</sup>

Como se aprende dessa visão, educação, em seu sentido mais amplo, confunde-se com a própria vida em sociedade, englobando o que se convencionou chamar: educação formal, educação não formal e educação informal.

A natureza do ato pedagógico se define segundo a intencionalidade da prática educativa, a sua sistematização, o seu vínculo com o sistema de educação institucionalizado, bem como com a credencial apresentada pelo educador.

Assim, quando afirmamos que todos são educadores estamos no reino da educação informal, o que não vale para a educação formal, institucionalizada, que a escola oferece — aí o educador tem que ser alguém com credencial para tanto.

## 2. Três Formas de Educação

- “Ninguém educa ninguém”
- “O Professor não ensina, ajuda o aluno a aprender”
- “Toda educação é uma auto-educação”.

Estas expressões, há muito consagradas pelos educadores, ressaltam o papel ativo do educando no processo de ensino aprendizagem e evidenciam ser o educador aquele que provoca — como Sócrates, com a maiêutica — o educando; que informa, cria situações favoráveis e estimulantes para a aprendizagem, auxilia na superação dos obstáculos e, até mesmo, apresenta novos obstáculos para desafiar o crescimento de seu orientando.

Esta relação “educador-educando” se expressa de forma mais sistemática ou menos sistemática consoante se processa no âmbito do sistema de ensino ou fora dele, assumindo a feição de educação formal, educação não formal ou educação informal.

De maneira breve e superficial procurar-se-á distinguir as três expressões:

A educação informal é tão antiga quanto o grupo social; mesmo nas sociedades mais primitivas há, por parte dos mais velhos, o cuidado de transmitir às gerações mais jovens a experiência que adquiriram ao longo de sua existência.

Naquelas sociedades educação e vida se confundem num processo que vai do “berço à tumba”.

Coombs e Manzoor<sup>4</sup> definem educação informal como “o processo permanente pelo qual cada pessoa adquire e acumula conhecimentos, habilidades, atitudes e discernimentos, decorrentes da exposição ao ambiente e da experiência diária”.

A educação informal, suficiente para a formação dos jovens nos agrupamentos primitivos foi, pouco a pouco, pela complexificação da vida em sociedade tornando-se insuficiente às necessidades do grupo, o que motivou o surgimento de uma instituição destinada ao ensino — a escola.

“Ninguém sabe quando e como surgiu a escola, diz Moreira.<sup>5</sup> “Evidentemente, prossegue o Autor, nas civilizações mais antigas do Oriente Médio já encontramos referências a professores e as escolas. Mas não se sabe se elas teriam sido as primeiras e, se o foram, como surgiram”.

Na busca de uma explicação para o fato, estudiosos da Educação levantam hipóteses que o explicariam.

Uma dessas hipóteses relaciona o surgimento da instituição “escola” à divisão e à organização do trabalho.

“Enquanto o trabalho era comum a todos os membros da sociedade, isto é, não era diferenciado e não exigia especialização, poderia ser aprendido por todos através da simples imitação (...). Desde que, porém, a sociedade se tornou gradativamente mais complexa, diferenciando-se as funções sociais, o trabalho passou a organizar-se através da divisão específica das tarefas. Criaram-se então os grupos de trabalho, alguns praticando atividades simples, de fácil aprendizagem, outras atividades mais difíceis, mais delicadas, que exigiam aprendizagem ou iniciação mais ou menos longa. Surgiu desse modo, a necessidade de organizações que se encarregassem de tal iniciação da aprendizagem, a fim de providenciar, a mão-de-obra necessária aos diferentes setores de atividades produtivas. Estaria aí, um começo de organização destinada especialmente à transmissão de conhecimentos práticos”.<sup>6</sup>

Outra hipótese que se formula para explicar o surgimento das instituições de ensino diz respeito à preparação de sacerdotes. A terceira hipótese justifica o surgimento da escola com a necessidade de transmitir a habilidade de escrever. Dessa perspectiva a instituição seria uma conseqüência da invenção da escrita e teria como finalidade ensinar a ler e escrever.

Como se pode apreender, nenhuma dessas hipóteses *per se* explicaria a origem da escola, as três, porém, convergem para um ponto comum — a escola surgiu para preencher lacunas deixadas na formação do jovem, pela educação familiar, quando a humanidade atingiu um certo grau de desenvolvimento num sentido pragmático e utilitário. Daí dever-se destacar, também a estreita relação que se evidencia entre o surgimento da escola e a preparação para o trabalho, nas três hipóteses aventadas.

Qualquer que tenha sido a causa do surgimento dessa agência, o mais importante, para nós, neste momento, é a diferença existente entre a educação informal, que se processava no interior do grupo primitivo e a relação professor-aluno que se estabelece, posteriormente, no âmbito da escola.

No grupo informal há laços afetivos entre os que ensinam e os que aprendem, não há momentos rigidamente definidos para aprender — todos os momentos são momentos de educação — nem há espaços determinados para se desenvolver o processo de ensino aprendizagem — todos os lugares são lugares de educação. “O mundo é a grande escola”. Há, no entanto, ritos de passagem da infância à vida adulta, que submetem à prova a coragem física e espiritual do jovem. Ali se procura “avaliar” se os ensinamentos dos mais velhos foram realmente introjetados pelos jovens.

Na escola — agência formal de educação — as relações assumem outra feição. O Professor é considerado o detentor do Saber, aquele cuja palavra de sabedoria jamais poderá ser posta em dúvida pelo discípulo.

Em suas origens a escola foi, normalmente, um lugar sombrio, ao qual a criança era levada para aprender a pensar e se comportar como um adulto — até Rousseau, a criança era considerada um adulto em miniatura e, como tal, não tinha direitos a serem respeitados.

Nessa escola, aprender não tem aquela conotação de “descobrir o mundo”, que parece haver na educação informal, vivenciada pelos grupos primitivos. Há um caminho definido a percorrer — o currículo — há obstáculos adrede preparados a superar — as provas, os exames — há um professor, afetivamente distante dos alunos, a zelar pela disciplina e a aprendizagem. Há, portanto, um tempo e um lugar onde a aprendizagem se processa. Estabeleceram-se barreiras entre o

Mundo e a Escola, ao Professor cabe fazer o elo entre os dois, trazer o mundo que deve ser conhecido pelos alunos para a escola.

A visão de homem, de mundo e de escola mudou. A criança já não é vista como um adulto em miniatura, o professor é, hoje, alguém que se integra com o aluno — a escola é lugar também de lazer, de criação — a professora transformou-se na “tia”, expressão adotada para demonstrar aos alunos que a escola é um “prolongamento” do lar.

A “humanização” da escola, as reformas curriculares e as novas técnicas pedagógicas não retiraram da educação o caráter formal que se lhe atribui porque, como afirmam Coombs e Manzoor, “a educação formal constitui o sistema institucionalizado, cronologicamente seriado e hierarquicamente estruturado, abrangendo desde o ensino pré-escolar e de primeiro grau até o ensino superior”.

O que identifica a educação formal é, portanto, a definição de objetivos a serem atingidos, o planejamento e organização dos meios segundo os quais serão os mesmos colimados, o estabelecimento de normas para a validação dos seus resultados, entre outras exigências que caracterizam a educação que se processa no âmbito do sistema de ensino de uma dada sociedade.

Nas sociedades modernas a educação formal e a educação informal não preenchem todas as carências do indivíduo, razão pela qual inclui-se, hoje, no âmbito da educação o que se convencionou chamar de educação não-formal.

Trata-se de uma forma intermediária que, como tal, apresenta características da educação formal — quanto à intencionalidade da ação pedagógica, quanto ao planejamento, ao gerenciamento, e financiamento dos programas — e da educação informal, no que concerne à sua não vinculação ao sistema regular de ensino, à liberdade de planejamento e de organização dos programas. Os programas de educação não formal caracterizam-se, diz LA BELLE,<sup>7</sup> como atividades extra-classe, entre as quais se incluem os programas de ensino supletivo voltados para a continuidade dos estudos ou para a qualificação de mão-de-obra.

### 3. Inter-relação e complementaridade dos programas de educação

As três formas de educação aqui focalizadas não se excluem, mas interferem umas nas outras e devem ser vistas como atividades que se intercomplementam. Cláudio Moura Castro<sup>8</sup> evidencia a influência da educação informal sobre a formal quando, ao analisar o rendimento escolar de alunos do primeiro grau, constata que o êxito da criança na escola depende, em parte, do grau de convergência que existe

entre a educação informal — vivenciada por ela no seio familiar ou no grupo de folgueados, por exemplo — e a educação formal ministrada pela escola. Pois, diz o Autor, é na educação informal que se inicia a preparação para a ação formal desenvolvida pela escola.

Partindo dessa constatação, o Autor explica o alto índice de reprovação da criança oriunda de família cultural e economicamente carente, considerando que o currículo escolar, adotado na escola pública, se orienta pela cultura da classe média e alta. A criança de família de baixa renda, sem instrução, que vive na periferia da cidade, não traz para a escola o referencial necessário à compreensão do programa educacional que lhe é oferecido e não encontra, em casa, elemento de sustentação para os ensinamentos que o sistema formal lhe oferece.

Admitindo-se a importância da educação informal para o êxito do trabalho escolar, há que se buscar na sociedade, pelo conhecimento da clientela a ser atendida, os elementos norteadores do currículo a que se submeterá o educando, sobretudo, no que concerne aos objetivos colimados e aos conteúdos que deverão ser estudados.

#### 4. Educação Formal e os Objetivos do Ensino

Do exposto fica claro que a educação formal é aquela que se processa nas escolas e universidades que integram o sistema de ensino de uma dada sociedade.

Em seus primórdios, no Brasil, o ensino de 1.º grau, por exemplo, teve como objetivo ensinar a ler, escrever e contar. Com o passar do tempo, a complexificação das relações sociais e do mundo do trabalho alterou-se, significativamente, o eixo do currículo desse grau de ensino, definindo-se, hoje, como objetivo do ensino elementar: “favorecer o desenvolvimento das potencialidades do educando como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania”.<sup>9</sup>

A descoberta dessas potencialidades não se faz, isoladamente, no âmbito da educação formal, cabendo à escola uma ação conjunta com a família para a captação das necessárias informações. Por outro lado, a transformação desse potencial em habilidade não se processa restritamente no âmbito do currículo escolar; programas extra-escolares fazem-se necessários para o aperfeiçoamento da formação adquirida na escola.

Sociedades complexas tornam complexa a prática pedagógica, alargando as funções da escola que passa a assumir funções antes privativas da família. Atualmente, cabe à escola muito mais do que

a promoção da instrução, cabe-lhe formar o homem como pessoa, como trabalhador e como cidadão.

A escola brasileira enfrenta, hoje, problemas muito sérios que vão desde a falta de vagas para atender à demanda da sociedade, até a baixa qualidade do ensino que se processa no sistema escolar.

De modo geral, a escola tem sido severamente criticada e acusada de estar sempre em atraso com relação ao desenvolvimento social. Para Ivan Illich<sup>10</sup> a escola é uma instituição fadada a desaparecer. Na sua visão de educador, em lugar da escola deveriam surgir espaços de educação onde o importante fosse a experiência, a competência pessoal, independente do seu credenciamento pelo sistema formal de educação.

Assumindo posição oposta, a UNESCO apregoa o caráter permanente da educação e defende seja este princípio a pedra angular de todo o sistema de educação.

Na perspectiva desse órgão internacional, o grande objetivo é “aprender a ser” sendo a grande tarefa da educação favorecer o indivíduo a atingir este desiderato.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. GARCIA, Walter R. *Educação: Visão Teórica e Prática Pedagógica*. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1975.
2. FAURE, E. et alii. *Apprendre à Etre*. UNESCO - FAYARD, 1972.
3. SILVA, Jefferson I. *Cidade Educativa. Um modelo de Renovação*. São Paulo, Cortez e Moraes, 1979.
4. COOMBS, Philip H. and MANZOOR, A. *Attacking Rural Poverty: How Nonformal Education can help*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1974.
5. MOREIRA, J.R. *Teoria e Prática da Escola Elementar*. Rio de Janeiro. INEP, 1960.
6. ———, op. cit.
7. LA BELLE, Thomas J. *Nonformal Education and social Change in Latin America*. Los Angeles, UCLA Latin American Center Publications, University of California, 1976.
8. CASTRO, Cláudio Moura. *Desenvolvimento Econômico, Educação e Educabilidade*. São Paulo, Paz e Terra.
9. BRASIL. Lei n.º 5692/71 — art. 1.º.
10. ILLICH, Ivan. *Sociedade Sem Escolas*. Petrópolis. Vozes, 1972.